



A INFLUÊNCIA DA ÉTICA PROTESTANTE NO TRABALHO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA OBRA DE MAX WEBER

Daniel Mauricio da Silva (IC) e Fabiano Almeida Oliveira (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Neste artigo será abordada a importância e as contribuições do pensamento de Max Weber na compreensão e na análise do conceito da Ética Protestante do Trabalho, destacando a relevância histórica e sociológica das suas ideias, que deixaram um legado que se mostra relevante até os dias atuais. Será, ainda, apresentada a estrutura do estudo realizado a fim de se estabelecer um diálogo entre os tópicos mais relevantes que compõem esse trabalho, de modo a se obter uma visão ampla da influência weberiana na percepção da sociedade sobre o trabalho. Serão examinados aspectos como a influência da fé e da prática protestantes na composição dos valores nos quais se baseiam o desenvolvimento da sociedade industrial, as relações de trabalho e, em última análise, a relação entre religião e economia, passando pelos mecanismos através dos quais ambas influenciam comportamento laboral até chegarmos nas implicações socioculturais e econômicas dessa interação. A base da análise será a obra “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do capitalismo”, que será interpretada à luz de outros textos e estudos contemporâneos sobre o trabalho e a sociedade, a fim de obtermos uma visão contextualizada do tema. Por fim, este artigo pretende, além de analisar a importância do pensamento de Max Weber para a compreensão da Ética Protestante do trabalho, também discutir as suas aplicações práticas e as suas implicações para a sociedade atual.

Palavras-chave: Trabalho. Ética Protestante. Capitalismo.

ABSTRACT

This article will address the importance and contributions of Max Weber's thinking to the understanding and analysis of the concept of the Protestant work ethic, highlighting the historical and sociological relevance of his ideas, which left a legacy that remains relevant to ours days. The study will also be structured in order to establish a dialogue between the most relevant topics that make up this work, in order to obtain a broad view of Weber's influence on society's perception of work. Aspects such as the influence of Protestant faith and practice in the composition of the values on which the development of industrial society is based, labor relations and, ultimately, the relationship between religion and economics will be examined,



going through the mechanisms through which both influence labor behavior until we arrive at the sociocultural and economic implications of this interaction. The basis of the analysis will be the work “The Protestant Ethic and the ‘Spirit’ of Capitalism”, which will be interpreted in light of other texts and contemporary studies on work and society, in order to obtain a contextualized view of the topic. Finally, this article aims, in addition to analyzing the importance of Max Weber's thought for understanding the Protestant work ethic, to also discuss its practical applications and implications for today's society.

Keywords: Work. Protestant Ethics. Capitalism.



1. INTRODUÇÃO

Embora o embrião do pensamento protestante tenha suas raízes em ideias anteriores a própria Reforma Protestante, foi a partir do movimento reformado que a Ética Protestante se desenvolveu de maneira significativa, influenciando a Europa e, posteriormente, outras regiões do mundo ocidental. Este processo foi impulsionado pelo pensamento de figuras como Martinho Lutero e João Calvino, cujas interpretações teológicas resultaram em um impacto profundo na transformação da percepção do trabalho secular. Até os eventos da Reforma, como Le Goff (2018) observa, o trabalho era, muitas vezes, visto como uma atividade de menor valor, em um claro contraste com a vida contemplativa idealizada pela Igreja Católica Romana. A Reforma Protestante trouxe uma nova perspectiva à essa questão, ao atribuir ao trabalho um valor moral e espiritual intrínseco, redefinindo-o como uma vocação divina. Essa reinterpretação trouxe implicações duradouras, contribuindo para o desenvolvimento de uma ética que influenciaria (e até mesmo moldaria) a sociedade ocidental de maneira profunda. A partir desta base primária, Max Weber desenvolve sua análise na obra “O Espírito Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”, no qual ele examina de forma clara e límpida a influência do pensamento e da ética protestantes na valorização do trabalho na sociedade ocidental e os desdobramentos decorrentes desse fenômeno.

A moralização e a valorização das atividades e trabalhos seculares representam alguns dos legados mais significativos e importantes deixados pela Reforma Protestante, marcando uma substancial mudança na percepção do trabalho dentro da sociedade. Para compreender plenamente essa mudança, ser faz necessário contextualizar o cenário anterior à Reforma, voltando ao período da Baixa Idade Média, em especial entre os séculos XII e XV, quando a Europa estava sob intensa influência religiosa, e a Igreja Católica Romana exercia um controle extensivo sobre quase todos os aspectos da vida cotidiana. Durante esse período, a estrutura feudal era dominante tanto na organização social quanto nas atividades econômicas. A maior parte da população vivia em aldeias rurais, nas quais o trabalho agrícola era a principal atividade, sendo realizado predominantemente por servos. Esses trabalhadores eram social e economicamente subordinados aos senhores feudais, e enfrentavam uma realidade de quase total dependência, com pouca ou nenhuma mobilidade social. Como descreve Marc Bloch (2016), a economia feudal era, em grande parte, baseada na produção agrícola de subsistência. Dentro deste sistema



havia trocas limitadas de mercadorias e quase nenhum comércio externo, o que confinava a produção artesanal às pequenas oficinas locais, voltadas exclusivamente para atender as necessidades imediatas das suas comunidades. Neste cenário, a Nobreza e o Clero monopolizavam não apenas o poder material, mas também o prestígio social. O trabalho manual, que era realizado por camponeses, artesãos e outros trabalhadores, era frequentemente desvalorizado e relegado às camadas mais baixas na hierarquia social. Jacques Le Goff (2018) complementa essa visão ao afirmar que, na sociedade medieval, a Igreja promovia uma dicotomia entre o sagrado e o profano, onde a vida contemplativa e a dedicação aos serviços religiosos eram considerados os ideais humanos mais elevados, enquanto as atividades seculares, especialmente as manuais, eram vistas como indignas e degradantes, normalmente sendo associadas à servidão e à pobreza.

Desta forma, a Igreja Católica Romana desempenhou um papel crucial e central na manutenção da percepção medieval sobre o trabalho. A teologia romana da Idade Média priorizava a salvação da alma, e considerava as atividades “mundanas” como distrações e obstáculos para alcançar tal objetivo. Os escritos teológicos e as práticas litúrgicas reforçavam a percepção de que a verdadeira vocação era a de servir a Deus única e exclusivamente através da vida religiosa. Essa perspectiva perdurou a medida que o trabalho secular era visto como um mal necessário, pelo qual não havia admiração ou apreço.

Foi contra esse pano de fundo que a Reforma Protestante trouxe uma releitura revolucionária do trabalho secular, levando a quebra de um paradigma estabelecido há séculos. Ao atribuir valores morais e espirituais às atividades seculares, a Reforma desafiou a visão tradicional que desvalorizava o trabalho manual. Reformadores como Martinho Lutero e João Calvino defenderam a ideia de que todas as formas de trabalho, quando realizadas com empenho e diligência, podiam ser consideradas vocações divinas, dignificando o trabalho e o reconhecendo como uma expressão de fé e uma forma de servir a Deus. Essa nova perspectiva não apenas alterou a hierarquia social e a estrutura econômica da sua época, mas também lançou as bases para o desenvolvimento do "Espírito" do capitalismo que ganharia força nas décadas seguintes, como analisado por Weber.

Ainda que o foco primário da Reforma Protestante tenha sido contestar a subserviência ao Papa e aos seus dogmas e indulgências, os seus resultados não se resumiram apenas à esfera eclesiástica. Ela também gerou uma nova perspectiva sobre diversos elementos da vida cotidiana, estando entre eles a relação com o



trabalho. Martinho Lutero, um dos principais pivôs da Reforma, foi um dos primeiros a desafiar a visão tradicional vigente sobre o trabalho. Em suas teses e escritos, Lutero argumentou que todas as ocupações realizadas com fé e dedicação podem ser consideradas como uma vocação divina. Ele associou o termo alemão "*Beruf*" (vocação) a todas as formas de trabalho, enfatizando que todas as pessoas poderiam servir a Deus através do seu trabalho diário secular, seja ele qual fosse.

Weber enfatiza que para Lutero, a dignidade do trabalho não estava relacionada à sua natureza, mas à atitude do trabalhador. Lutero defendia que Deus chamava cada indivíduo para um determinado ofício, e este ofício, quando realizado com diligência e honestidade glorificava a Deus tanto quanto o serviço religioso o faz. Essa nova perspectiva conferiu ao trabalho secular uma dignidade e um valor moral ao trabalho secular até então inéditos na sociedade ocidental, o transformando em um meio genuíno de serviço a Deus.

Da mesma forma como aqueles que agora são chamados clérigos ou sacerdotes, bispos ou papas, não são mais dignos ou distintos do que outros cristãos, se não pelo fato de deverem cuidar da palavra de Deus e dos sacramentos – esta é sua ocupação e seu ofício –, também a autoridade secular tem a espada e o açoite na mão, para com eles punir os maus e proteger os retos. Um sapateiro, um ferreiro, lavrador, cada um tem o ofício e a ocupação próprios de seu trabalho. Mesmo assim todos são ordenados sacerdotes e bispos de igual modo, e cada qual deve ser útil e prestativo aos outros com seu ofício ou ocupação, de forma que múltiplas ocupações estão todas voltadas para uma comunidade, para promover corpo e alma, da mesma forma com que os membros do corpo servem todos um ao outro. (LUTERO, 2017).

João Calvino, outro importante e influente reformador, expandiu e desenvolveu as ideias e o pensamento de Lutero sobre o trabalho, enfatizando que este é uma expressão da fé e uma maneira para se cumprir os mandamentos de Deus. Calvino acreditava que o ofício profissional não era apenas uma necessidade econômica, mas também, e sobretudo, uma forma de serviço a Deus e ao próximo, promovendo, assim, a ideia de que todos os cristãos são chamados a trabalhar aplicadamente em suas respectivas vocações, contribuindo para o bem comum e para a glória de Deus. Tal qual Lutero, a ética de Calvino destaca a diligência, a honestidade e a responsabilidade como valores centrais na Ética Protestante. Este pensamento influenciou profundamente o desenvolvimento social e econômico das comunidades protestantes nas décadas que se seguiram e foi alvo de especial atenção por parte do pensador Max Weber.



No decorrer deste artigo, veremos os desdobramentos da Ética Protestante do Trabalho no pensamento de Max Weber.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Na esteira dessa nova perspectiva social trazida pela Reforma Protestante, Max Weber torna o conceito da Ética Protestante do Trabalho em um tema central do seu pensamento. Weber dedicou grande parte de sua vida ao estudo das relações e interações entre religião, economia e sociedade. Em sua obra seminal "A Ética Protestante e o 'Espírito' do Capitalismo", Weber examina como a religião, especificamente o Protestantismo, influenciou a mentalidade capitalista e moldou a forma como o trabalho e a riqueza são assimilados e valorizados. Para Weber (2007), a Ética Protestante do Trabalho é um fator crucial para a ascensão do "Espírito" do capitalismo moderno. Ele argumenta que a ética protestante, com sua ênfase na vocação e no trabalho diligente, criou um ambiente favorável ao desenvolvimento do capitalismo. Este "Espírito" capitalista não se refere apenas ao desejo de lucro, mas a uma racionalidade sistemática que permeia as práticas econômicas. Como Adam Smith (2017) descreve, essa racionalidade é fundamental para a formação de um mercado competitivo onde a "mão invisível" orienta os interesses individuais para o bem comum. Portanto, a ética protestante pode ser vista como um dos pilares ideológicos que sustentaram a construção das economias de mercado modernas, ao mesmo tempo em que promovia valores morais que incentivavam o crescimento econômico sustentado. Vale aqui uma breve explicação sobre o que Weber define como "Espírito" do capitalismo: trata-se não do sistema econômico em si, mas de um conjunto de predicados, nos quais podemos destacar racionalidade, eficiência, disciplina, dever, vocação, entre outros, que impulsionam a busca pelo lucro de forma ética e responsável.

Em sua obra, Weber argumenta que a racionalização do trabalho é uma das características centrais da Ética Protestante, de modo que a ideia de que o trabalho deva ser realizado de maneira eficiente e produtiva para, em última instância, ser uma forma de glorificar a Deus, levou ao desenvolvimento de práticas de trabalho mais sistematizadas e organizadas, e deram origem a uma visão particular sobre o trabalho que se diferenciava das concepções anteriores. Tal racionalização se reflete, também, na economia, levando ao surgimento de novos métodos de produção e de gestão, que buscam maximizar a produtividade e o lucro. A racionalização do trabalho, conforme examinado por Weber (2007), não se limitava a uma reorganização superficial das



práticas laborais, mas representava uma transformação mais aprofundada na maneira como o tempo e os recursos eram geridos e utilizados. A busca contínua por melhorias na eficiência e na eficácia das tarefas executadas foi, assim, uma consequência direta dessa nova ética do trabalho. Para os protestantes, a autodisciplina, entendida tanto como um dever moral quanto espiritual, tornou-se o centro das atividades econômicas e laborais. Weber argumenta que esse enfoque na racionalização e na autodisciplina promoveu não só um aumento na produtividade, mas também (e sobretudo) estabeleceu uma base para o desenvolvimento de práticas empresariais que valorizavam a maximização do tempo e dos recursos. Esta abordagem se diferenciava radicalmente das concepções medievais anteriormente estabelecidas, que, como destaca Bloch (2016), muitas vezes viam o trabalho manual como uma necessidade degradante, e não como um campo para a expressão de valores espirituais. A racionalização do trabalho, portanto, não foi apenas um produto da ética protestante, mas também um motor para a evolução do capitalismo moderno, criando uma ponte entre os valores religiosos e as práticas econômicas emergentes. Assim, a racionalização do trabalho no pensamento de Weber (2007) foi um dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento do "Espírito" capitalista, entendendo-se este não apenas como um sistema econômico, mas como uma mentalidade que valorizava a ordem, a eficiência e o crescimento contínuo. Weber argumenta que essa racionalização, alimentada pela ética protestante, introduziu uma nova disciplina no trabalho, transformando-o em um dever moral e espiritual. Este "Espírito" capitalista, marcado pela busca racional e ética pelo lucro, diferenciava-se do mero desejo de enriquecimento característico de outras culturas, sendo profundamente enraizado na ideia de vocação e no compromisso com o trabalho como forma de glorificação divina. Adam Smith (2017) complementa essa visão ao introduzir o conceito de "mão invisível", onde o auto-interesse, quando regulado pela moralidade protestante, poderia resultar em benefícios coletivos. Assim, o capitalismo, moldado por essas influências, não era apenas um sistema de produção, mas uma ordem social e cultural que refletia e reforçava os valores protestantes, criando um ambiente propício ao desenvolvimento econômico sustentado.

Deste modo, Weber analisa que a busca pela excelência profissional e o comprometimento com o trabalho se tornaram virtudes essenciais para os cristãos protestantes, gerando assim uma ruptura com a ideia dualística da visão medieval que predominou até a Reforma. A Ética do Trabalho baseada em valores protestantes, resultou em um profundo impacto no desenvolvimento do capitalismo ocidental. A mentalidade capitalista, como a entendemos atualmente, enfatiza a acumulação de



riqueza capital como uma métrica de sucesso na vida. Observando esse fato em um panorama mais amplo, podemos concluir, então, que em certa medida a Ética Protestante, ao valorizar o trabalho árduo e a dedicação profissional, estava, de certa forma, promovendo o acúmulo de capital e moldando a identidade cultural das sociedades ocidentais. Como Weber (2007) argumenta, o trabalho não era apenas uma atividade econômica, mas uma expressão de fé e um meio de alcançar a salvação pessoal. Essa visão impactou profundamente a organização social e as relações econômicas, criando uma cultura onde o sucesso material era visto como um sinal de favor divino. André Biéler (1990) observa que essa interpretação influenciou a ética social das comunidades protestantes, incentivando a responsabilidade individual e a busca pela excelência em todas as esferas da vida. O trabalho tornou-se, assim, uma forma de serviço a Deus e à sociedade, contribuindo para a construção de uma ordem social mais justa e equitativa. No entanto, essa valorização do trabalho também trouxe desafios, como a necessidade de equilibrar o desejo de sucesso com os valores de justiça e igualdade, uma tensão que continua relevante no debate contemporâneo sobre ética e economia. A partir do pensamento protestante sobre o trabalho, o sucesso financeiro não era mais visto como algo fútil ou pecaminoso, mas como uma bênção de Deus e um sinal de que a pessoa estava vivendo de acordo com os princípios divinos. Weber (2007) argumenta que essa mudança na percepção do sucesso material foi fundamental para a ascensão do capitalismo, uma vez que legitimou a busca pelo lucro como uma atividade moralmente justificada. O conceito de vocação, introduzido por Lutero, redefiniu a relação entre o trabalho e a espiritualidade, promovendo a ideia de que cada indivíduo tinha um chamado divino para exercer uma profissão específica. Essa concepção, como aponta Biéler (1990), foi revolucionária ao dignificar todas as formas de trabalho, tornando-as caminhos válidos para a salvação pessoal. Ao glorificar o trabalho como uma expressão de fé, os protestantes criaram um ambiente onde o acúmulo de riqueza passou a ser interpretado não como um desvio moral, mas como um testemunho da graça divina. Essa nova visão do trabalho e do sucesso material, aliada à ética da autodisciplina e ao rigor moral, foi essencial para a consolidação do capitalismo, um processo que, segundo Marx e Engels (2007), também contribuiu para a criação de uma superestrutura ideológica que perpetuava as desigualdades inerentes ao sistema capitalista.

Em sua obra, Weber argumenta que a religião protestante moldou a maneira como os indivíduos percebiam e vivenciavam o trabalho, influenciando as suas atitudes em relação ao acúmulo de riqueza e ao empreendedorismo. Para Weber, o



Protestantismo proporcionou um ambiente onde o trabalho duro e a busca pela excelência não eram marginalizados, mas sim incentivados e valorizados. Essa mentalidade “empreendedora” (para usarmos um conceito mais recente), baseada na Ética Protestante, foi a responsável pela criação das bases para o desenvolvimento do capitalismo moderno, além de ter contribuído fortemente para o progresso econômico das sociedades ocidentais.

Aqui vale ressaltar que embora Weber se dedique na análise da influência do Protestantismo na formação da mentalidade capitalista, ele não estabelece uma relação de causalidade direta. Weber reconhece que outros fatores, como a evolução do sistema econômico e as mudanças sociais e políticas, também desempenharam um papel importante no surgimento do capitalismo. Ainda assim, ele argumenta que a Ética Protestante do Trabalho foi um elemento fundamental neste processo ao fornecer uma base ideológica e moral para o desenvolvimento do sistema econômico capitalista como o conhecemos, e durante a busca pela constituição desta ética, Weber dedica uma boa parte da sua obra “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo” ao pensamento por traz do conceito de Vocação, criado pelo teólogo reformador alemão por Marinho Lutero.

O conceito inovador de Vocação, desenvolvido por Lutero, desempenhou um papel extremamente significativo e transformador na formação da Ética Protestante do Trabalho, como enfatiza Weber (2007). A ideia de que cada indivíduo possui uma vocação específica, um chamado divino para exercer determinadas atividades profissionais, trouxe uma nova dignidade ao trabalho secular. Esse conceito, segundo Bloch (2016), representou uma ruptura com a visão medieval que desvalorizava o trabalho manual e as ocupações seculares. Na perspectiva de Lutero, todos os ofícios, quando realizados com diligência e honestidade, eram formas de glorificar a Deus. Esta visão teve implicações sociais profundas, ao redefinir o trabalho como um meio de contribuir para a ordem e prosperidade da sociedade, e não apenas como uma necessidade econômica. A ética do trabalho protestante, fundamentada na ideia de vocação, transformou as relações de poder e a estrutura social, promovendo uma cultura de responsabilidade individual e valorização do mérito, mas também levantando questões sobre a mobilidade social e a equidade. A ideia disruptiva (e até mesmo revolucionária) de que cada indivíduo, de maneira intrínseca e genuína, possui uma vocação específica, um chamado de Deus, para exercer determinadas atividades profissionais, contribuiu de maneira grandiosa para a valorização plena do trabalho secular como uma manifestação de serviço a Deus, e também como um meio essencial de se contribuir para a ordem e para a prosperidade da sociedade de forma



geral. Essa percepção, que coloca o trabalho em nível acima de mera subsistência, dignifica o trabalhador e até mesmo o coloca em uma posição de destaque dentro da cosmovisão protestante.

Assim como o significado da palavra [vocação], a ideia é nova e é produto da Reforma. E isso deve ser assumido como conhecimento geral. É verdade que certa valorização positiva das atividades rotineiras mundanas, que está contida no conceito de vocação, já existiu na Idade Média e mesmo na baixa antiguidade Grega;[...] Mas pelo menos uma coisa é indiscutivelmente nova: a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais alta forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir. (WEBER, 2007).

Para Weber, o conceito de vocação revolucionou completamente a forma como o trabalho era compreendido e vivenciado pelos cristãos protestantes, trazendo consigo uma necessária valorização da atividade laboral, como fruto de uma relação desta com o propósito divino inerente a cada profissão exercida. Através deste conceito visionário que os protestantes passaram a enxergar o seu trabalho diário como um serviço sagrado, e como uma contribuição para a formação de uma sociedade próspera e justa. A ideia de Vocação se mostrou tão importante que até mesmo transcendeu a simples ideia de um emprego, e foi interpretada quase que com uma missão divina, de fato, um chamado individual para exercer determinada ocupação com dedicação e propósito. Assim, o trabalho não mais era visto como um mal necessário. Pelo contrário, ele se torna uma espécie de elo entre a fé religiosa e o compromisso com o mundo secular e uma manifestação do amor e gratidão a Deus o próximo, que se manifesta através do serviço prestado à sociedade.

A medida que os cristãos protestantes abraçaram esse conceito transformador, eles encontraram um significado mais profundo em seu ofício profissional e nos resultados gerados por ele, e passaram a perceber os um veículo da expressão da sua fé. Assim, a partir da Ética Protestante do Trabalho, fundamentada no conceito de Vocação de Lutero, os protestantes passaram a ver cada ocupação profissional como uma oportunidade para servir a Deus, seja como camponês, artesão, comerciante ou mesmo no alto escalão do governo, desde que o trabalho seja exercido com o propósito de glorificar a Deus.

É preciso, contudo, salientar que embora o conceito de Vocação tenha trazido inegáveis e positivas transformações na valorização do trabalho, ele também pode ser interpretado como um desestímulo à movimentação social. Ao analisar esse aspecto da Vocação, Weber conclui:



Para Lutero, pois, o conceito de vocação permaneceu tradicionalista. Sua vocação é algo que o homem deve aceitar como uma ordem divina, à qual deve se adaptar. Este aspecto é mais importante que a outra ideia, também presente, de que o trabalho vocacional era uma, ou melhor, a tarefa confiada por Deus. (WEBER, 2007).

Em uma primeira leitura, há espaço para crer que Weber acredita que Lutero traz implícita a ideia de que exercer a sua vocação de forma plena e, em última instância, para a glória de Deus é o sentido maior que pode se alcançar enquanto trabalhador. Portanto, não se espera que tal indivíduo aspire a movimentação social por meio do trabalho.

Em um contraste interessante, podemos até mesmo concluir que a Vocação pode causar um efeito colateral de paralisia social, chegando até mesmo a impactar negativamente a busca pela justiça social, igualdade e melhores condições para os trabalhadores. Devemos lembrar, contudo, que Lutero era um homem de seu tempo. Na visão de Weber, mesmo tendo lançado uma das bases para Ética Protestante, Lutero pendia para o tradicionalismo. Se colocarmos em perspectiva a subvalorização sofrida pelo trabalho nos séculos que antecederam a Reforma Protestante, conseguiremos compreender que mesmo com esse pontos levantados, a disrupção permanece paradigmática.

Uma outra crítica histórica à Ética Protestante foi elaborada por Karl Marx e Friedrich Engels, dois pensadores alemães autores de importantes e relevantes obras sobre a relação do trabalho com o capital e seus impactos nas classes trabalhadoras. Marx e Engels (2007) argumentam que a Ética Protestante faz parte da superestrutura ideológica que justifica e mantém o capitalismo, contribuindo para a perpetuação das desigualdades sociais. Para eles, a ética do trabalho protestante internaliza uma forma de alienação onde os trabalhadores são incentivados a aceitar sua posição subordinada no sistema capitalista. Esta alienação é mascarada pela ideia de que o trabalho é uma vocação divina, o que, segundo Marx, serve para desviar a atenção dos trabalhadores de suas condições materiais e da exploração que sofrem. Essa crítica se alinha com o entendimento de que a superestrutura ideológica, composta por religião, cultura e instituições, legitima as relações de produção capitalistas, mantendo as classes trabalhadoras submissas. Weber (2007), por outro lado, reconhece as críticas, mas insiste que a ética protestante desempenhou um papel positivo ao promover a autodisciplina e a organização racional do trabalho, elementos essenciais para o desenvolvimento econômico. Esta tensão entre as críticas marxistas e a análise weberiana oferece uma rica área de reflexão sobre o impacto das



ideologias religiosas no capitalismo moderno. Para eles, a Ética do Trabalho Protestante é uma forma de alienação, na qual os trabalhadores internalizam valores que servem apenas aos interesses das classes dominantes. Assim, a ênfase na vocação e na autodisciplina, segundo Marx, desvia a atenção dos trabalhadores das suas condições materiais e da sua exploração, os encorajando a aceitar sua posição no sistema capitalista. (MARX e ENGELS. 2007).

Marx e Engels (2007) defendem que a superestrutura ideológica inclui todas as formas de pensamento, religião, cultura e instituições que legitimam ou perpetuam as relações de produção capitalistas, utilizando a religião como uma ferramenta de controle social. Eles argumentam que a ética protestante, ao moralizar o trabalho e incentivá-lo como uma vocação divina, contribuiu para que os trabalhadores aceitassem suas condições de vida sem questionar a exploração a que estavam submetidos. Essa internalização dos valores protestantes, que celebravam a autodisciplina e a frugalidade, foi vista por Marx como um mecanismo de alienação, desviado o foco das injustiças econômicas e sociais para uma suposta busca espiritual. Para Weber (2007), embora a ética protestante tenha desempenhado um papel crucial na formação do capitalismo, ele não ignora essas críticas, reconhecendo que a racionalização e a busca pela eficiência, embora positivas em muitos aspectos, poderiam também reforçar estruturas de poder que exploram os trabalhadores. Esse diálogo entre as visões de Weber e Marx oferece uma compreensão mais completa das implicações sociais e econômicas da ética protestante, destacando tanto suas contribuições quanto suas limitações.

A Ética Protestante, portanto, com sua ênfase na moralização do trabalho, é vista por eles como uma ferramenta para manter os trabalhadores submissos e satisfeitos com suas condições, desviando a atenção das desigualdades e injustiças geradas pelo sistema econômico.

Marx também faz severas críticas à exploração do trabalho, que, segundo ele, é mascarada pela Ética Protestante. Para Marx, a ideia de que o trabalho é uma Vocação divina pode ser usada para justificar longas jornadas de trabalho, baixos salários e condições inadequadas de trabalho. Marx e Engels argumentam que essa ética contribui para a reprodução das relações de produção capitalistas, nas quais o detentor do capital se beneficia do trabalho alienado dos trabalhadores ao transformar a exploração em um dever moral com a justificativa de servir a Deus. Ainda para eles, esta internalização dos valores protestantes tem o papel de manter a ordem social e



econômica, impedindo que os trabalhadores se revoltam contra as condições injustas de exploração do trabalho. (MARX e ENGELS. 2007).

Uma vez que para Marx a religião é o "ópio do povo", ela se torna uma ferramenta utilizada pela classe dominante para a manutenção do controle social, oferecendo consolo espiritual em vez de soluções práticas para as injustiças sociais. Assim, Marx sugere que é necessário desafiar e dismantelar essas estruturas ideológicas (tal como a Ética Protestante) para superar a exploração capitalista.

Em contrapartida, Adam Smith, pensador e economista escocês, faz uma leitura complementar à obra de Weber sobre o capitalismo, mais alinhada com o conceito idealizada pelos reformadores. Nesta leitura, ele introduz o conceito da "mão invisível", onde o auto interesse individual, quando canalizado através de um mercado competitivo, pode levar a situações que resultam em benefício coletivo. Smith argumenta que a busca por lucro não é imoral por si só, desde que ela seja regulada por princípios de justiça e equidade. Essa perspectiva oferece um contraponto à visão marxista, sugerindo que o capitalismo pode ser compatível com a ética moral.

Smith defende que a virtude e a economia não são mutuamente excludentes. Ele acredita que a prosperidade econômica pode ser alcançada sem sacrificar os princípios éticos. De modo que a ética protestante, com seu foco na diligência e na honestidade, pode contribuir para um sistema econômico onde o lucro é alcançado de forma justa e responsável. Em sua obra mais proeminente, Smith argumenta que a riqueza de uma nação é determinada pela produtividade e pela divisão do trabalho, de modo que um sistema econômico que promove a virtude e a responsabilidade individual pode resultar em maior prosperidade e bem estar para todos.

Se analisarmos o pensamento de Max Weber sobre a Ética Protestante, bem como as críticas sobre ele, frente aos fatos e desafios contemporâneos, podemos facilmente concluir que ele permanece relevante e continua a exercer influência significativa em diversas áreas do conhecimento, especialmente nas áreas da sociologia e economia. Ao explorar a intrincada relação entre os valores cristãos protestantes e o surgimento do sistema capitalista ocidental, Weber lançou ideias que abriram o caminho para o entendimento da dinâmica social e econômica e lançou luz sobre a formação e o desenvolvimento dos sistemas econômicos modernos.

Não obstante, a aplicação da Ética Protestante no contexto contemporâneo enfrenta diversos desafios, como a crescente desigualdade econômica, a exploração do trabalho e a degradação ambiental. Essas importantes questões exigem de nós uma reflexão crítica sobre os valores fundamentais que regem a sociedade. Como



visto nos itens anteriores, a pesquisa sugere que a gênese da Ética Protestante, com sua ênfase na responsabilidade e na integridade, pode, sim, oferecer uma base moral para enfrentar esses desafios e promover um desenvolvimento sustentável e inclusivo, com equidade e manutenção da dignidade dos trabalhadores.

Os desafios contemporâneos exigem uma abordagem holística, que combine os princípios da Ética Protestante com as inovações sociais e econômicas do nosso tempo. A responsabilidade social corporativa, a sustentabilidade e a justiça econômica são áreas nas quais os valores protestantes podem fazer uma diferença significativa e necessária. Assim como em sua origem, a Ética Protestante pode ajudar na criação de um sistema econômico mais justo e sustentável, onde a prosperidade é alcançada de maneira equitativa e responsável.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas e estudos realizados, é seguro afirmar que a Ética Protestante produziu um significativo e profundo impacto na valorização do trabalho na sociedade ocidental. A transformação do trabalho em uma vocação divina trouxe uma dignidade inédita ao exercício profissional e contribuiu substancialmente para o desenvolvimento do sistema capitalista como o conhecemos hoje.

No entanto, as relevantes e pertinentes críticas marxistas revelam que essa mesma ética também pode ser utilizada para justificar a exploração da classe trabalhadora, trazendo um importante alerta sobre a necessidade da manutenção dos valores éticos fundamentais que nortearam os primeiros movimentos da dignificação do trabalho.

A análise contemporânea não apenas confirma a persistência dos princípios protestantes na formação da ética do trabalho, mas também indica que esses princípios continuam a moldar a maneira como as sociedades modernas percebem e valorizam o trabalho. À luz das reflexões de Weber (2007), é possível observar que a responsabilidade e a integridade, valores centrais da ética protestante, permanecem fundamentais na estruturação das relações laborais em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado. No entanto, este legado não está isento de críticas. Marx e Engels (2007), por exemplo, destacam que a internalização desses valores pode levar à perpetuação de desigualdades e à alienação dos trabalhadores. Assim, torna-se urgente uma reflexão crítica que vá além da simples aceitação desses princípios, analisando seus impactos no contexto das crescentes demandas por equidade social



e sustentabilidade econômica. Como Le Goff (2018) e Bloch (2016) nos lembram, o estudo das estruturas sociais e econômicas do passado pode oferecer importantes percepções para enfrentar os desafios contemporâneos. Não obstante, essa ética precisa ser contextualizada e reinterpretada à luz dos desafios contemporâneos, como a desigualdade econômica, a exploração laboral e a crise ambiental. A pesquisa contemporânea sugere que os princípios da Ética Protestante, como a valorização do trabalho árduo e a busca pela excelência, podem oferecer uma base moral para o desenvolvimento sustentável e inclusivo. No entanto, isso exige uma reflexão crítica sobre como esses valores são aplicados na prática, especialmente em um contexto onde o capitalismo global muitas vezes exacerba as desigualdades e a exploração. Assim, a ética protestante deve evoluir para incorporar uma visão mais holística e equitativa do desenvolvimento econômico, onde a prosperidade é alcançada não apenas por meio da eficiência e do lucro, mas também pelo respeito à dignidade humana e à justiça social.

4. REFERÊNCIAS

BIÉLES, André. O Pensamento Econômico e Social de Calvino. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

BLOCH, Marc. A Sociedade Feudal. São Paulo: Edipro, 2016.

CALVINO, João. A verdadeira vida cristã. São Paulo: Novo Século, 2000.

LE GOFF, Jacques. A Civilização do Ocidente Medieval. São Paulo: Vozes, 2018.

LUTERO, Martinho. Uma Coletânea de Escritos. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

SMITH, Adam. A riqueza das nações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



XX Jornada de Iniciação Científica - 2024

Contatos: dbeltzasak@gmail.com e 6014553@mackenzie.br